

LUIS DA CAMARA CASCUDO (1899-1986): UM ETNÓGRAFO DA PROVÍNCIA

Juliana Souza de Queiroz e Irene de Queiroz e Mello- Bolsistas de Iniciação Científica

Orientador: Prof. Dr. José Reginaldo Santos Gonçalves (DAC / PPGSA/ IFCS / UFRJ)

Departamento de Antropologia Cultural / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia / IFCS / Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGÊNCIAS DE FOMENTO DA PESQUISA: FAPERJ; CNPq; CAPES; FUIB

OBJETO E OBJETIVOS: A obra etnográfica de Luis da Camara Cascudo, além de sua extensão enciclopédica, revela a presença de algumas categorias que parecem desempenhar um papel central na articulação de um pensamento bastante original na interpretação da “cultura popular” e do “folclore” no Brasil. Descrever e analisar algumas dessas categorias é o propósito deste projeto. Podemos destacar as categorias “província”, “metrópole” e, especialmente, “memória”, cujos contornos semânticos desenhavam as fronteiras das concepções que Cascudo elabora sobre as noções de “cultura popular”, “folclore” e “etnografia”.

METODOLOGIA: Leitura, fichamento, classificação e análise dos textos de Luis da Camara Cascudo classificados por ele mesmo como “etnográficos”, além de textos de reflexão teórica, textos autobiográficos, entrevistas e depoimentos na forma de livros publicados, filmes e vídeos. Parte dessas pesquisas vem sendo realizada nos arquivos do Museu do Folclore Edson Carneiro, Rio de Janeiro.

RESULTADOS E CONCLUSÕES:

Mais um *bricoleur* do que propriamente um teórico da cultura, identidade contra a qual ele se definia ostensivamente, Cascudo elabora uma interpretação da cultura e do trabalho etnográfico que escapa de delimitações teóricas precisas. Pouco aproveitaremos de sua obra, especialmente de sua obra etnográfica, se não estivermos preparados para o reconhecimento do uso que ele faz de categorias nativas na descrição de crenças e práticas da chamada “cultura popular”.

Em sua obra, as categorias “província”, “metrópole” e “memória” tendem a se configurar como “fatos sociais totais” (Mauss, 2003) articulando-se a dimensões sociais, psicológicas, fisiológicas, estéticas, morais, religiosas e cósmicas, o que lhe permite, enquanto etnógrafo nativo, ir além dos limites impostos pelas categorias dominantes das ciências sociais de sua época, as quais ele associa à metrópole.

Identificando-se como um “provinciano incurável”, Cascudo reconhece nessa posição a possibilidade de acesso ao reconhecimento e à percepção de elementos da cultura popular e do folclore que estão para além dos limites espaciais e temporais impostos pela modernidade na metrópole (que estaria distante da “tradição”). A permanência desses elementos, segundo Cascudo, aponta para o que ele entende como a contemporaneidade de práticas e crenças que, histórica e geograficamente, situam-se em pontos bem distantes entre si.

Embora no plano mais consciente e explícito, ele possa ser associado ao “difusionismo” (Vilhena, 1997), Cascudo, especialmente quando opera enquanto etnógrafo, situa-se para além dos limites dessa perspectiva teórica. A razão para isto consiste no uso que faz da categoria “memória”, a qual necessariamente inclui a “experiência” e o “corpo” como dimensões incontornáveis da cultura popular e do folclore (Gonçalves 2000). “Experiência” e “corpo”, sublinhe-se, que não se confundem com a forma que assumem na modernidade. Na concepção de Cascudo, a “memória” apresenta dimensões não apenas biográficas e sociais, mas amplia-se para atingir a experiência trans-histórica da espécie humana, experiência esta que, obviamente, é transmitida por intermédio do corpo. Este é concebido como um instrumento notável para a transmissão desse patrimônio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, Luís da Câmara. Anubis e outros ensaios- Mitologia e Folclore. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro 1951,

_____. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1954

_____. Folclore do Brasil. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1967;

_____. Prelúdio da Cachaça. Instituto do açúcar e do álcool, 1ª ed, 1968

_____. Tradição, ciência do Povo. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971

GONÇALVES, José Reginaldo Santos “ Cotidiano, corpo e experiência: reflexões sobre a etnografia de Luis da Câmara Cascudo”. In: Revista do Patrimônio, 2000, no. 28, pp. 74-81.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A Ciência do Concreto”, In: O Pensamento selvagem. Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional, 1970.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: a forma e a razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac e Naify, 2003. pp. 183-31

VILHENA, Luis Rodolfo. Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura/FUNARTE, Fundação Getúlio Vargas Editora, 1997